

# Comunidades rurbanas e conflitos lingüísticos<sup>1</sup>

Maria Cecilia Mollica  
Luciana de Mello  
Fernando Loureiro  
Rodrigo Alípio

Recebido 20, jun.2008/ Aprovado 13, set. 2008

## Resumo

*Neste texto, levantamos algumas questões atinentes ao desenvolvimento de estudos sobre os processos migratórios, no Brasil, nos últimos anos e suas conseqüências lingüísticas. Consideramos três modelos teóricos adequados para se entender a nova configuração das comunidades de fala nos grandes centros urbanos incluindo processos de acomodação dialetal e de conflitos lingüísticos.*

**Palavras-chave:** *Migração. Comunidades rurbanas. Acomodação e conflito dialetal.*

---

<sup>1</sup> Este texto é baseado em comunicação realizada no Encontro-Simpósio "Línguas, contatos e fronteiras: da cultura da norma à cultura das variantes", organizado pelo Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas da Faculdade de Letras/UFRJ, em 18, 19 e 20 de agosto de 2008.

## Colocação do problema

Este texto discute aspectos teórico-metodológicos para se entender e analisar os processos migratórios no Brasil e suas repercussões. Analisa os modelos através do qual o contato lingüístico é analisado mais adequadamente, em se tratando de comunidades rurbanas localizadas nas periferias das grandes cidades brasileiras.

Durante três décadas, um processo migratório rápido e amplo ocorreu no Brasil, a tal ponto que inverteu, demograficamente, o percentual da população no campo *versus* cidade. Nos idos de 60, tínhamos 70% de brasileiros no campo e 30%, na cidade. Hoje, contamos com o inverso: a população do campo se reduziu a menos de 30% e as cidades sofreram um grande crescimento, de modo que concentram mais de 70% dos brasileiros.

Em sua maioria proveniente do Nordeste, os migrantes se dirigiram principalmente para o Sudeste, distribuindo-se entre Rio e São Paulo, e uma boa leva se estabeleceu em Brasília, por ocasião da construção da nova Capital. Motivados pelas promessas de uma vida melhor, os migrantes chegaram aos seus destinos sem qualificação profissional, conseguindo empregos principalmente na construção civil, serviços domésticos e assemelhados.

Poucos, no entanto, conquistaram mobilidade social. As gerações mais novas formadas de filhos e netos por sua vez têm paulatinamente alcançado alguma ascensão social, dado que possuem grau de escolaridade mais alto que seus pais, alguns chegando até a Universidade. Enfim, encontram-se atualmente incluídos na cultura letrada, exercendo atividades profissionais que exigem nível de letramento mais elevado.

No Rio de Janeiro, essa população ocupou os morros da cidade e as periferias, misturando-se às comunidades locais. Nesse texto, vamos considerar os modos de se analisar a relação da hegemonia, do contato lingüístico e dos conflitos antropolingüísticos, fornecendo alguns exemplos colhidos no chamado Complexo da Maré, população que se situa no entorno da UFRJ até a Leopoldina.

### O *continuum* da comunidade hegemônica ao contato

Quase todos os primeiros (os mais velhos) residentes da Maré saíram de comunidades lingüísticas rurais hegemônicas. Do mesmo modo, os cariocas também compartilhavam de um dialeto hegemônico, diferente dos migrantes que aqui aportaram. Com a migração, formaram-se nichos de comunidades mistas.

Bortoni-Ricardo (2004) propõe uma interessante distinção entre comunidades rurais, urbanas e rurbanas, que nos ajuda muito a explicar a natureza das comunidades novas formadas a partir de migrações, como houve no Brasil. Segundo a autora,

temos que compreender a questão, admitindo que há três contínua: (a) o *continuum* do rural para o urbano; (b) o *continuum* da oralidade para a escrita; (d) o *continuum* da monitoração estilística. No caso da Maré, encontramos características de (a), (b) e (c). Neste texto, fornecemos evidências de (a) e (b) e discutimos quando acontece (c).

Em geral, as *comunidades rurais* guardam traços específicos, a exemplo de *'inté'* (nasalização da vogal inicial), *'homi'* (desnasalização em final de palavra), *'pranta'* (rotacimos de /l/ - /r/ em grupos consonantais formados por segmentos líquidos), dentre outros exemplos. Note-se que os traços são distantes da variedade de prestígio e, via de regra, são extremamente discriminados fora do ambiente rural.

Já as *comunidades urbanas* são caracterizadas por alta frequência de formas da variante *standard*. Seus falantes são, em geral, de classe média para alta, que freqüentam ou freqüentaram colégios considerados de elite. Sua população tem acesso a bens culturais desde criança, tendo oportunidade, portanto, de ler uma literatura, conhecer as artes, em conformidade com uma tradição beletrista. Trata-se de falantes que têm ou tiveram o privilégio de usufruir viagens no País e no Exterior e de aprender outros idiomas.

As *comunidades rurbanas*, tal como denominadas por Bortoni-Ricardo, são justamente aquelas formadas por migrantes que se instalam, quase sempre, nas periferias das cidades grandes e entram em contato com o dialeto-alvo. A população é uma mistura dos que chegam com os habitantes locais, de modo que traços lingüísticos de dialeto rural se mantêm, algumas formas locais são assimiladas algumas formas locais, mas não apresenta uma homogeneidade dialetal.

O dialeto rurbano, assim denominado, é falado por uma população que ora mantém seu dialeto de origem, ora acomoda sua fala ao dialeto de chegada. Em alguns casos, observamos conflitos; em outros, o próprio falante se encarrega de desfazer o conflito, identificando-se com a cultura local. Para melhor compreensão dos processos mencionados, as teorias de Redes Sociais e de Acomodação Dialetal se complementam e lançam luzes para pesquisas na área.

### **Redes sociais e contato dialetal**

O conceito de Redes Sociais é introduzido por (MILROY, 1980; MILROY; MILROY, 1985). Bortoni-Ricardo (1985) trabalha com esse conceito no seu estudo sobre os migrantes em Brasília. No nosso caso, as redes sociais são compostas por migrantes nordestinos residentes no Rio de Janeiro, nas comunidades do Complexo da Maré. Alguns vivem encapsulados em suas redes

e mantêm contato estreito com seus conterrâneos; já os que estudam e trabalham fora interagem mais com o dialeto carioca.

Na Maré, podemos identificar pelo menos três tipos de redes: a dos cearenses, a dos pernambucanos e a dos paraibanos. Esses falantes apresentam alguns processos produtivos e salientes provenientes das regiões de origem: (i) alteamento da vogal pretônica e postônica (cf. BISOL, 1981; MORAES; CALLOU; LEITE, 1996), como em /menino/ >/mininu/; (ii) monotongação em ditongos crescentes (cf. PAIVA, 1996), como em /astúcia/ >/astuça/; (iii) reização (cf. MOLLICA, 1998), como em /tava/ >/taha/.

O pressuposto central de que a língua é social determina naturalmente que o interesse do lingüista esteja centrado no grupo e não na produção individual. O *locus* da linguagem está na comunidade de fala e o comportamento sistemático individual é uma decorrência das relações que se estabelecem entre os indivíduos. Podemos afirmar que os integrantes de certo grupo social mantêm marcas lingüísticas compartilhadas, diferenciando-se em qualidade e/ou em quantidade dos de outros grupos sociais. O comportamento lingüístico de pessoas de uma dada rede social está condicionado pelo grau de inserção à rede. Quanto maior o nível de adesão ao grupo, maior é a garantia de o falante apresentar marcas lingüísticas próprias à rede a que pertence (cf. MOLLICA, 1995, p. 157). De um ponto de vista aplicado ao ensino, Bortoni-Ricardo (2004) aponta a noção de redes como um caminho para a elaboração de um perfil sociolingüístico dos alunos, de modo a traçar estratégias pedagógicas e fornecer condições de produção de material didático adequado para lidar com a heterogeneidade dos alunos das comunidades rurbanas, contribuindo para a formulação de políticas públicas inovadoras.

### Variação e contato

A Teoria da Variação tem o objetivo de descrever a variação e a mudança lingüística e seus determinantes sociais e lingüísticos. O conceito de língua passa a incorporar o pressuposto da variação sistemática, motivada por tensões sociais que operam sobre seus usos, não devendo, portanto, ser estudada sem se levar em conta o contexto social. Dessa forma, para a confirmação dos casos de variação ou mudança, a pesquisa sociolingüística implica, minimamente, o levantamento cuidadoso dos registros das variantes da língua. O objetivo da análise consiste em verificar a sistematicidade do efeito dos fatores estruturais e sociais sobre a emergência das formas alternantes. O embasamento teórico dos trabalhos de Labov (1963, 1972, 1994), Schiffrin (1994), Tannen (1984), Gumperz (1982), Goffman (1964), La Page; Tabouret-Keller (1985); Milroy; Milroy (1985), Bortoni-Ricardo (1985) e Ferrari

(1994) servem de base de sustentação para estudos que analisam contato e variação.

Um texto emblemático que relaciona variação e contato lingüístico versa sobre a investigação da centralização dos ditongos (ay) e (aw) na comunidade de Martha's Vineyard, de Labov (1963). Neste trabalho, Labov explorou a hipótese do conflito entre o que denominou "orientação para o prestígio" e "orientação para a identidade". O local escolhido para o estudo caracterizava uma unidade auto-suficiente separada do Continente que apresentava uma complexidade social e geográfica ampla capaz de promover diferenciação de comportamento lingüístico.

O autor distinguiu duas localidades na ilha: *up-island* e *down-island*. A primeira, estritamente rural, composta por fazendas, casas de veranistas isoladas, algumas aldeias; a segunda agrupa três pequenas cidades onde viviam permanentemente três quartos da população. A ilha era um lugar muito bonito e agradável de se viver, mas se achava isolada da sociedade moderna americana. Não havia indústria, a economia girava em torno da pesca e a agricultura e o laticínio estavam em declínio. Martha's Vineyard foi considerado o Município mais pobre do Estado de Massachusetts, com um alto índice de desemprego e de oferta de serviços sazonais, em decorrência do comércio turístico. A dependência crescente do comércio de verão representava uma ameaça aos nativos. Eles temiam o dia em que seriam desapropriados assim como os índios um dia o foram.

Havia um movimento de resistência aos "forasteiros" (veranistas), principalmente por parte dos habitantes da região de cima da ilha, pescadores, com idade média entre 30 a 45 anos, fato diretamente ligado à centralização de [ay] e [aw]. Os nativos se consideravam diferentes dos turistas e tinham orgulho de sua identidade. Labov observou, porém, que havia um contraste marcado entre os jovens que pretendiam deixar a ilha e aqueles que queriam permanecer. Os que queriam deixar a ilha apresentavam baixa freqüência de centralização distintamente dos que lá permaneceram. Os descendentes de portugueses e indígenas centralizavam mais que os descendentes de ingleses. Esses últimos foram estudar no Continente e não retornavam para a ilha. O significado social da centralização aponta para o fato de que aqueles que centralizavam mais gostariam de se firmar como nativos numa configuração de oposição de valores: os falantes que se manifestam positivamente em relação à ilha demonstraram uma atitude conservadora, o que Labov denominou de "orientação para a identidade"; os que possuíam um sentimento negativo ao local de origem preferiram a pronúncia mais próxima ao inglês do Continente, revelando "orientação para o prestígio".

Destacamos a importância, nesse texto, do conceito de identidade lingüístico-cultural e dos aspectos etnográficos.

Por isso, não podemos desconsiderar questões abordadas pela sociolinguística interacional que relacionam o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face como foco de análise. Tais elementos se acham na base das interpretações acerca da situação comunicativa dos papéis desempenhados pelos interactantes em uma conversa. No caso de estudos sobre dialetos rurbanos, é importante a forma como os membros da comunidade identificam os eventos de fala, tanto quanto é relevante como o *input* social varia no curso da interação e como o conhecimento social produz a interpretação das mensagens.

A análise de estudos dessas comunidades deve levar em conta o significado construído por um processo complexo de sinais lingüísticos e não lingüísticos, ancorados no contexto (cf. SCHIFFRIN, 1994). O estudo da relação entre língua e sociedade passa a ser visto a partir do uso da fala em contextos sociais específicos. Podem ser considerados tanto os gêneros espontâneos como a conversa entre amigos e as interações mais gerais, produzidas em contextos institucionais, a exemplos de uma consulta médica, uma entrevista, um debate acadêmico, uma aula, um sermão religioso, uma negociação empresarial, dentre outros. (cf. TANNEN, 1992, p. 9). Gumperz (1982) postula que a Sociolinguística é entendida como um campo que investiga o uso da linguagem de determinados grupos humanos, dando conta da junção entre os aspectos paralingüísticos e sociais envolvidos no processo de comunicação.

O trabalho de Le Page e Tabouret-Keller (1985) aborda questões sobre o comportamento lingüístico e suas inter-relações com a identidade étnica dos indivíduos. Para os autores, as noções de língua e comunidade surgem a partir de atos de identidade que as pessoas estabelecem com elas próprias ou entre si. Os trabalhos de Milroy (1980) e Milroy e Milroy (1985) ressaltam a importância do contato lingüístico, através do sistema de redes sociais dos indivíduos, para a compreensão de variação e mudança lingüística: são enfocados os padrões de variação do falante individualmente relacionado à rede em que está inserido.

A justificativa para o trabalho de redes sociais, como salienta Ferrari (1994, p. 26) em situações de contato prende-se ao fato de que falantes de qualquer parte do mundo estabelecem laços sociais informais com outros indivíduos. Argumenta-se que o conceito de rede social é mais universal e menos etnocêntrico do que a noção de classe social, proposta por Labov. Em um sistema de redes, os indivíduos se reconhecem como participantes de complexas relações sociais. O foco se concentra, então, na relação entre os indivíduos. A questão básica de “quem se comunica com quem” é o princípio metodológico a partir do qual se identificam os contatos, as redes fechadas e abertas e se instalam possíveis conflitos.

## Direção para o prestígio em confronto com o isolamento e o conflito

O primeiro estudo sistemático da relação entre características morfológicas de uma rede e comportamento social foi realizado por Barnes (1954). O autor estabelece as bases para a distinção entre sociedades rurais e sociedades urbanas em termos de densidade da rede. O conceito de densidade é implícito na análise de Barnes (1969) e é equivalente à noção de completude na Teoria de Grafos. A densidade e a multiplexidade co-ocorrem e são mais encontradas nos sistemas tradicionais e fechados. Se a rede é fechada e homogênea, todos os *links* são canais para a ocorrência das mesmas mensagens. Estudos de redes sociolingüísticas referem-se à visão de que redes densamente inter-relacionadas exercem a função segundo a qual o reforço normativo resulta na resistência à inovação.

As características de redes são eficientes conjuntos de variáveis para prever e interpretar variação lingüística. Um aspecto interessante da aplicação de redes na sociolingüística é a possibilidade de aliar-se à Teoria da Acomodação (GILES, 1980). Gal (1979) observou que redes sociais não influenciam diretamente a língua, pois demonstram efeitos nas categorias sociais com os quais os falantes tendem a se identificar, no entanto podem influenciar nas estratégias comunicativas das pessoas por meio do discurso.

A Teoria da Acomodação postula que as pessoas são motivadas a ajustar ou a acomodar o discurso a fim de expressar valores, atitudes e intenções em torno de outros (GILES, 1980; TRUDGILL, 1988). A teoria salienta a negociação de qualquer interação por meio da qual a pessoa ajusta seu discurso conforme acredita ser esta ou aquela forma a melhor aceita por seu interlocutor.

De acordo com Le Page (1978), o comportamento lingüístico é assunto permanente e se relaciona a diferentes aspectos da identidade social, como sexo, idade, etnia, etc. Os falantes movem-se através do espaço sociolingüístico multidimensional e usam os instrumentos da variabilidade da língua para expressar as complexas identidades (MILROY, 1980). Assim, os falantes criam suas regras para assemelhar-se ao máximo com os membros do grupo com o qual gostariam de se identificar. A dinâmica social é crucial no estabelecimento das relações, mas pode inserir conflitos entre prestígio e identidade (cf. LABOV, 1972). Um estudo somente na perspectiva de redes não dá conta da gama complexa de questões em confronto entre comunidades de fala.

Os conceitos lingüísticos também relevantes são os de contato e isolamento. Trudgill (1988) estabelece uma comparação entre dialetos de alto contato e dialetos de baixo contato,

argumentando que áreas geograficamente periféricas também tendem a ser menos invocadoras comparativamente às áreas mais centrais. Importante salientar que Trudgill (1988) adverte que o contato entre dialetos afeta não só a velocidade da mudança, como também o tipo de mudança.

### **Exemplificação na comunidade da Maré**

Refletimos nesse texto sobre a relação entre contato dialetal, variação e conflito com base em (a) cearenses, (b) pernambucanos, (c) paraibanos, residentes do Complexo da Maré. A escolha desses migrantes prende-se a critérios de ordem demográfica e lingüística: a maioria da população da Maré é proveniente do Nordeste e há marcas lingüísticas de (a), (b) e (c) bem audíveis, como já mencionadas.

O foco de estudos do tipo a que estamos aludindo incide em processos produtivos e salientes, nas regiões de origem do migrante, de modo a observar as estratégias de acomodação. Eis a razão pela qual escolhemos os fenômenos alteamento da vogal pretônica e postônica, a monotongação em ditongos crescentes e a aspiração, para exemplificar pernambucanos, paraibanos e cearenses, como marcadores, respectivamente, do dialeto de origem dos migrantes.

As variáveis independentes de natureza não lingüística importantes nesses casos são: tempo no Rio, contato com cariocas, profissão, idade, quando o migrante chegou. As variáveis lingüísticas dependem dos processos em estudo. Para os fenômenos elencados, intuímos que é importante o efeito da tonicidade, do tempo verbal, da consoante que sofre aspiração, do tamanho do item lexical, da categoria gramatical, entre outras.

Além de uma descrição sistemática da variação, é necessário conhecer o grau de inserção dos indivíduos em redes fechadas e abertas, o tipo e frequência de interação com o dialeto de chegada, de modo a estimar como se processou a acomodação para o dialeto carioca. Na Maré, observamos que os indivíduos que desejam mobilidade social se acomodam mais rapidamente e abrem mão de traços discriminadores do seu dialeto de origem. Os que não aspiram qualquer modificação tentem a manter as formas rurais. De acordo com a teoria, quando os usos se acham acima do nível da consciência, os falantes processam as formas, a depender da intenção de marcar mais ruralidade ou de se acomodar em direção ao dialeto-alvo. Uma situação de conflito pode se instalar se as características se acham abaixo do nível da consciência e a fala do migrante se mantém distante do dialeto de chegada.

### **Considerações finais**

Esse texto levantou alguns aspectos da relação entre processos migratórios, contato, formação de comunidades rurbanas

e possíveis conflitos. Nossas principais conclusões considerando os modelos teóricos descritos são:

- (a) No Brasil, os processos migratórios para as grandes cidades resultaram na formação de comunidades rurbanas;
- (b) a comunidade da Maré é um exemplo de comunidade rurbarana;
- (c) nas comunidades rurbanas, há grupos (ou redes) encapsuladas e grupos (ou redes abertas);
- (d) os grupos fechados, mesmo que em contato com outro dialeto, apresentam menos conflito porque mantêm sua identidade de origem;
- (e) os grupos ou redes abertas apresentam orientação para o prestígio, para a hegemonia;
- (f) considerando-se (e), é de se supor que os falantes das redes abertas apresentem mais conflitos, se as marcas rurais são inconscientes, a menos que voluntariamente queiram mostrar sua ruralidade.

#### **Abstract**

*In this paper, we discuss some aspects on studies about migrations process in Brazil during the last decades and its natural linguistic consequences. We consider three theoretic models for understanding the new configuration of speech communities in urban big cities including accommodation between dialects and linguistic conflicts.*

**Keywords:** *Migration. Rurban communities. Accommodation and dialectal conflict.*

#### **Referências**

BARNES, J.A. Class, committees in a Norwegian Island Parish. *Human Relation*, [S.l.], v. 7, n. 1, p. 39-58, 1954.

\_\_\_\_\_. Redes sociais e processo político. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo: Global, 1969.

BISOL, L. *Harmonização vocálica*. 1981. Tese (Doutorado em Lingüística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, F. (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1989. p. 167-180.

- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- \_\_\_\_\_. *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- FERRARI, L. *Variação e redes Sociais no Morro dos caboclos*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística)-Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.
- GAL, S. *Language shift: social determinants of linguistic change in bilingual Austria*. New York: Academic Press, 1979.
- GILES, H. Accommodation theory: some new directions. *York Papers in Linguistics*, [S.l.], v. 9, p. 105-136, 1981.
- GILES, H.; TAYLOR, D.; BOURHIS, R. Towards a theory of interpersonal accommodation through speech: some Canadian data. *Language in Society*, Cambridge, v. 2, p. 177-192, 1980.
- GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.) *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2002. p. 13-20.
- \_\_\_\_\_. The neglected situation. *American Anthropologist*, Lancaster, v. 66, n. 6, p. 133-6, 1964.
- GUMPERZ, John. Dialect and conversational inference in urban communication. *Language in Society*, v. 7, p. 393-409, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change*. v. 1: internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. The social motivation of a sound change. *Word*, New York, n. 19, p. 273-309, 1963.
- LE PAGE, R. B. *Projection, focusing and diffusion*. Trinidad: Society of Caribbean Linguistics Occasional, 1978.
- LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, A. *Acts to identity*. Cambridge: CUP, 1985.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: CUP, 1983.
- MILROY, L. *Language and social networks*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.
- MILROY, J.; MILROY, L. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, Cambridge, v. 21, p. 339-84, 1985.
- MILROY, L. R.; MARGRAIN, S. Vernacular language loyalty and social network. *Belfast Working Papers in Linguistics*, [S.l.], 1977.
- MITCHELL, J. C. (Org.). Networks, norms and situations. In: MITCHELL, J. C. (Org.). *Network analysis: studies in human interaction*. The Hague: Mouton, 1973.

- MITCHELL, J. C. *Social networks in urban situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.
- MORAES, J.; CALLOU, D.; LEITE, Y. O sistema vocálico do português do Brasil: caracterização acústica. In: KATO, M. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas, SP: UNICAMP, FAPESP, 1996. v. 5: convergências, p. 33-53.
- MOLLICA, M. C. *Influência da fala na alfabetização*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.
- \_\_\_\_\_. Redes sociais em grandes centros urbanos: um estudo sociolingüístico no Rio de Janeiro. *Terceira Margem: Revista da Pós-graduação em Letras da UFRJ*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 3, p. 156-161, 1995.
- OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- PAIVA, M. C. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). *Padrões sociolingüísticos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- SCHIFFRIN, D. *Approaches to discourse*. Oxford: Blackwell, 1994.
- TANNEN, Deborah. *Conversational style: analyzing talk among friends*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1984.
- TARALLO, F (Org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1989. p. 181-197.
- TRUDGILL, P. Accomodation between dialects. In: \_\_\_\_\_. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986a. p. 01-38.
- \_\_\_\_\_. Dialect contact. In: \_\_\_\_\_. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986b. p. 39-82.
- \_\_\_\_\_. Norwich revisited: recent linguistic changes in an English urban dialect. *English World Wide*, [S.l.], n. 9, p. 33-49, 1988.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (Org.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 97-195. [Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística. Tradução Marcos Bagno e revisão Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006].